

As razões comunicativas das redes sociais na internet à luz do conceito de experiência de Walter Benjamin

Emmanoel de Almeida RUFINO¹

Resumo

Este artigo visa pensar o desenvolvimento das tecnologias da informação, em especial, a internet, a partir do evento *redes sociais*, refletindo-o em função do melhoramento das relações humanas. Com as tecnologias da informação em geral, vimos a relação tempo-espaco ser desafiada e abrirem-se grandes janelas de interação, que, ao menos na teoria, deveriam fomentar um cenário de qualificação da capacidade dialógico-relacional dos indivíduos. O próprio campo das informações – tão alargado com a internet – ainda parece longe de ser explorado para a qualificação da inteligência coletiva. Diante disso: até que ponto as tecnologias estão sendo utilizadas para produzir uma vida mais humana? O problema está nas tecnologias em si, ou no *modus operandi* dos indivíduos em relação a elas? Para tentarmos responder a estas e outras perguntas, tomaremos como base o pensador Walter Benjamin, cujo conceito de experiência lança bases críticas pontuais à emergência de um silencioso (mas preocupante) empobrecimento da sensibilidade humana diante do vertiginoso melhoramento dessas mesmas tecnologias.

Palavras-chaves: Alteridade. Redes sociais. Tecnologias. Walter Benjamin.

Abstract

This article aims to thinking about development of information technology, especially the internet, from social networking event, thinking it due to the improvement of human relations. With information technology in general, we have seen the relationship space-time be challenged and open up large windows of interaction, which, at least in theory, should foster a scenario qualification dialogical-relational capacity of individuals. The role of the information itself – as wide internet – still seems far from being exploited to the qualification of collective intelligence. Therefore: to what extent the technologies are being used to produce a more human life? The problem is in the technology itself, or *modus operandi* of individuals in relation to them? To try to answer these and other questions, we will build on the thinker Walter Benjamin, whose concept of experience

¹ Doutorando em Educação pela UFPB. Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (Campus João Pessoa). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação coordenado/orientado pela Profª. Drª. Edna Gusmão de Góes Brennand (PPGE/UFPB). E-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

spear point bases critical to the emergence of a silent (but worrying) impoverishment of human sensitivity before staggering improvement of these technologies.

Keywords: Otherness. Social networking. Technology. Walter Benjamin.

Introdução

É de conhecimento geral que, nos últimos anos, as fronteiras relacionais do mundo vêm sendo redefinidas a partir de um intenso desenvolvimento tecnológico que, no campo da informática, a partir da internet, aproximou pessoas dos mais diferentes territórios do globo como nunca antes na história. Com as tecnologias da informação em geral, os seres humanos viram a própria relação tempo-espaço ser desafiada, já que é possível viajar para qualquer lugar do mundo, sem sair de casa e em tempo real.

Não só as fronteiras geográficas ruíram com a internet, como também toda e qualquer barreira informacional. Como podemos acessar o mundo pelo computador e com certa comodidade, as próprias relações interpessoais passaram a assimilar os mecanismos informáticos nos seus processos de legitimação. Hoje em dia, é cada vez mais comum que indivíduos possuam perfis em redes sociais e que prefiram as facilidades desse novo modo de cultivar amizades. É, pois, justamente deste ponto que parte o presente estudo.

Situemos, então, nossa análise: iremos falar de como as redes sociais funcionam – no tocante ao prisma das relações humanas – face às cada vez maiores ferramentas de conexão possibilitadas pelo desenvolvimento da internet, que, por sua vez, é apenas uma das muitas formas de tecnologia de que dispomos hoje. Nosso texto é movido por uma inquietação: até que ponto as tecnologias estão sendo utilizadas para produzir uma vida mais humana, em especial as tecnologias informáticas, como a internet, cujas redes sociais são eficazes meios de interação? E não é estranho notarmos que, apesar do *boom* de contatos virtuais nas redes sociais, não vemos uma maturação da capacidade das pessoas de estabelecer diálogo, principalmente quando não estão *on line*? O que fazem, portanto, as pessoas, quando estão *on line*: dialogam ou apenas trocam informações? E diante de tudo isso, o problema pode ser atribuído às tecnologias ou ao modo como dela dispomos? Para tentarmos responder a estas e outras perguntas,

escolhemos o pensador alemão Walter Benjamin (1892-1940). Mas por que escolher Walter Benjamin como eixo epistemológico de nossa análise temática, estando ele a mais de seis décadas de nós, num tempo onde não dispúnhamos de internet? Vamos aos motivos no tópico a seguir, ao visitarmos o clima contextual da produção teórica de Benjamin. Assim explicitadas as razões da escolha epistemológica em torno deste pensador, retornarmos às perguntas acima, que fundamentam nossa pesquisa.

1 O diálogo de Walter Benjamin com o seu tempo: o humano entre as tecnologias

O *corpus theoreticum* de Walter Benjamin parte do processo de configuração burguesa da cultura contemporânea, a partir da consolidação de uma ética capitalista no mundo da produção de sentido à vida material e imaterial, para assim analisar as implicações disso no modo de vida social de sua época. No início do século XX d. C., não só teceu leituras originais sobre o desenvolvimento tecnológico e suas implicações ao comportamento coletivo, como também críticas pontuais à emergência de um silencioso (mas preocupante) empobrecimento da sensibilidade humana diante do vertiginoso melhoramento dessas mesmas tecnologias.

As análises benjaminianas do advento da fotografia e do cinema, certamente nos revelam o âmago de suas preocupações: o artificial substitui o natural; o mecânico descarta o criativo; o virtual se confunde com o real, burlando-o. Com a fotografia, para além do potencial mágico de recortar o tempo e guardá-lo inerte nos limites materiais de um papel, a preocupação de Benjamin residia na perda da memória, da conexão afetiva com a pulsão de vida que jamais pode ser resguardada na imagem fotográfica. A técnica reproduz a realidade conforme o enredo que lhe seja aprazível, de modo que a *aura* da realidade tende a se perder. Como exemplo, ele fala da reprodução das obras de arte. Por mais que a reprodução em massa da imagem da *Monalisa*, de Leonardo DaVinci, facilite o acesso de todas as pessoas do mundo que queiram admirá-la, nunca poderão *experienciar* sua verdade, sua *aura* (Cf. BENJAMIN, 2012, p. 179-212), porque a obra original possui detalhes que só podem ser sentidos *in loco*; um exemplo disso: como perceber com nitidez as texturas em relevo de uma pintura através de uma simples fotografia? Cada pincelada possui as marcas invisíveis do peso impresso pela mão do

pintor sobre a tela; possui um jogo de textura entre as pinceladas que não pode ser sentido numa fotografia, ou, numa linguagem mais recente, numa imagem digitalizada. Já para com o cinema, a preocupação de Benjamin também se dava perante esse recorte de realidade que faz confundir entre as pessoas a percepção do que é ou não verdadeiro e simulacro.

As abordagens críticas desse pensador tentam traduzir as raízes da terceira revolução industrial e suas implicações sócio-culturais para a construção de sentido da vida humana no século XX d. C. O que vivemos neste início de século XXI nada mais é do que um desdobramento desse momento histórico marcante, onde as tecnologias alcançam o estatuto de desenvolvimento tão sonhado no início da modernidade. O problema para Benjamin toma, pois, o seguinte contorno: com uma humanidade vislumbrada com suas conquistas tecnológicas, abre-se o risco de que os indivíduos possam usar as tecnologias como fim em si mesmo, e não como meio para a promoção do próprio ser humano.

A preocupação de Benjamin não poderia ser mais atual. A internet é certamente uma das tecnologias mais importantes de nossa época e, como elemento do desenvolvimento da informática, nos desafia à reflexão em várias dimensões. Aqui nos debruçamos sobre uma delas: as *redes sociais*, cujo advento é marcado pela atividade dos “primeiros usuários de redes de computadores” que “criaram comunidades virtuais”, que, por sua vez, “foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social” (CASTELLS, 2003, p. 46), inaugurando uma forma inédita de interatividade entre os indivíduos diante do que até ali ofertavam os meios de comunicação.

2 Um retrato da cultura de redes das sociedades democráticas ocidentais

Até a década de 80, o mundo ainda não estava afeito à noção de *redes*. Apesar da internet ainda engatinhando, lado a lado com o sonho de grandes empresas do ramo da computação (como a *Apple* e a *Microsoft*) de desenvolverem computadores pessoais, para revolucionarem o modo como as pessoas acessariam informações e interagiriam com elas, apesar da consolidação das mídias televisivas, do cinema, da

telefonía, ao invés da noção de redes, o que se conhecia era a noção de laços humanos, comunidades.

A emergência da noção de *redes* (a partir da década de 90) forçou a expansão da própria ideia de laços e de comunidades, que, sendo conceitos que pressupõem localidade, presencialidade física, foram distendidos às demandas da ideia de globalização. A sociedade de redes pressupõe conexões plurais e podem se instalar na virtualidade. Não por acaso, as redes sociais na internet são campos tão “férteis” de relacionamentos; afinal, além de ser possível reunir vários contatos e interagir com eles simultaneamente, o mais atrativo parece ser a facilidade de se desfazer os contatos sem “efeitos colaterais”. O que um jovem – nascido no início deste novo século – entende por “amigo” não é o mesmo que um jovem, há décadas atrás. A facilidade de se estabelecer conexões e desconexões nas redes virtuais de relacionamento, certamente promove um empobrecimento do sentido sobre o que é amizade. A ênfase no número de amigos descaracteriza a dimensão qualitativa que se antecipa ao quantitativo. Esse fenômeno reflete bem o que o sociólogo Zygmunt Bauman chamou de *vida líquida*, configurada na fluidez, desregulamentação e individualização das relações. A sociedade de redes está, pois, sendo marcada por uma dinâmica distinta aquela que marcou o passado (onde eram fortes as noções de laços e comunidades).

Para Bauman, a sociedade contemporânea é líquida porque “as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p. 7). Na internet, isso traz implicações muito importantes: “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços” (BAUMAN, 2004, p. 82.). Assim sendo, “a realização mais importante da proximidade virtual”, afirma Bauman, “parece ser a separação entre comunicação e relacionamento” (*Ibid.*, p. 83)

Estranhamente, apesar de terem auxiliado no processo de globalização da informação e do conhecimento (apagando as antigas fronteiras geográficas), as redes sociais (enquanto comunidades virtuais) evidenciam um jogo de relações humanas que merecem ressalva, do ponto de vista da ausência de profundidade dos laços que se

estabelecem entre as pessoas em interação *on line*.

Esse é o cenário das relações virtuais no início desse século, o que, na verdade, não é nada mais do que um prolongamento do que acontece na vida societária em geral.

3 As redes sociais na internet: promotoras de vivências ou de experiências comunicativas?

A observação do desenvolvimento tecnológico e de suas inquestionáveis influências sob o homem contemporâneo nos encaminha para um diálogo entre a atual condição humana das pessoas, sua forma de agir, de viver e, subjetivamente, do seu ser. O conceito de *experiência* de Benjamin (Cf. 2012, p. 123-128) nos guiará por entre esse pequeno trajeto de reflexões sobre uma cultura que perdeu a capacidade de *experienciar* os acontecimentos que se passam ao seu redor. Pois bem: comecemos delimitando o que Walter Benjamin entende por experiência (*erfahrung*), partindo da pontual explicação do pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (...) A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, (...) parar para sentir, (...) demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (2002, p. 23).

Para Benjamin, o século XX foi marcado por relações vivenciais, não experienciais. Com a modernidade, os indivíduos passaram a receber uma carga de intensos estímulos que, sobrecarregando suas consciências sempre alertas (requisito imprescindível num mundo de identidades voláteis), acaba por produzir neles uma verdadeira anestesia, ou seja, uma perda da sensibilidade, da capacidade de detalhar todos os estímulos. Experienciar algo significa, pois, adentrar no seu interior, sentindo-o, algo cada vez mais difícil em tempos de vivências (*erlebnis*) cada vez mais aceleradas. Vivência – para Benjamin – é o simples contato com um dado através dos

sentidos, de modo que isto não gere memória. Experiência é o aprofundamento de um contato, de modo tal que o indivíduo é marcado por ele, modificando a si mesmo nesta relação.

Em suma, Benjamin alertava que vivenciamos muitas coisas, mas justamente por o fazermos de forma tão célere, não as experienciamos. Tantas coisas nos passam em um dia, porém nada (ou quase nada) – em todo esse tempo – nos acontece. Passamos horas e horas a fio frente a aparatos tecnológicos e temos dificuldade de vivermos uma experiência. Mas por quê? Uma boa resposta a essa relação assimétrica entre quantidade de informações e qualidade da memória das informações pode emergir de numa famosa passagem onde Benjamin diz que os “combatentes [da 1ª Guerra Mundial] voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (2012, p. 124). Apesar de terem vivido tantas coisas, seus sentidos estavam tão expostos, tão alertas a todo e qualquer sinal tenso de perigo, que captavam tudo, não tendo tempo para nenhum detalhe em especial. Tudo, então, se resumia num todo amorfo de sensações padronizadas. Quando falamos da dificuldade de fazermos a experiência do outro diante das redes sociais, estamos apontando para um campo onde as informações também bombardeiam os indivíduos. É claro que aí não está em jogo a vida física do indivíduo, mas sua consciência é tão exigida (pela velocidade das informações, pela multiplicidade dos perfis de seus contatos) que ela acaba conferindo atenção a várias coisas simultâneas, sem parar em nenhuma delas em especial. No final, o mesmo cenário de silêncio². O que Benjamin nos oferece hoje – a partir de seu conceito de experiência – é uma excelente chave de leitura para entendermos os motivos pelos quais as pessoas – cada vez mais afeitas à dinâmica das redes sociais – têm cada vez menos habilidade para administrar relações fora do campo da “virtualidade” da internet.

Presenciamos, contemporaneamente, uma decadência da condição de vida dos indivíduos, que, por sua vez, parecem presos às interatividades e confortos oferecidos pelas tecnologias de comunicação que cercam todo o globo terrestre. É como que fiquem acorrentados por si mesmos porque se acomodam em ninhos funcionais,

² “a experiência dos homens modernos foi radicalizada pelos avanços da técnica, pelas trincheiras, pela rapidez inimaginável com que o espaço e tempo se transformaram no início do século XX” (SILVA, 2012, p. 52).

evitando sair da zona de conforto. Ora, é bem mais fácil, rápido e seguro para o sujeito pós-moderno dialogar – através de uma rede social – com pessoas do mundo todo de seu próprio quarto, na sua própria zona e conforto. Outra história é viver a experiência de conhecer e conversar face a face com o outro, já que aí se dá um contato de momento totalmente diferente do que já se tornou habitual para nós. Somos moldados por uma espécie de cultura visual que transforma a maneira de agir das pessoas, somos julgados pelas fotografias que são armazenadas em nossas páginas virtuais de perfil social e pelas informações que pomos a disposição de uma infinidade de “amigos”. A forma de comunicação oral não passa, agora, de simples bobeira. Ai de quem não estiver interado das novas tecnologias que surgem a cada segundo nas redes virtuais universais, não possuir uma conta em uma rede social e, assim, usá-la como intermédio para dialogar à distância com milhares de amigos! Chegamos a uma fase em que a comodidade, provocada pelas influências tecnológicas, nos fez ter medo de, simplesmente, estar frente a uma pessoa e iniciar uma conversa. Isso nos tornou, aos olhos de Bauman, indivíduos da vida líquido-moderna, e aos olhos de Benjamin, indivíduos pobres em experiências.

Como fruto da formação da sociedade, recebemos diariamente cargas gigantescas de informação, processamos e, ao final, retornamos ao nosso estado inicial. A visão de Benjamin acerca da decadência da experiência no meio social pode ser aplicada como excelente chave de leitura às redes sociais providas pela internet. O sujeito contemporâneo já não porta mais a sensibilidade, pois como o próprio nome já expressa, ele não mais sente os acontecimentos ao seu redor. Está sempre *on line*, mesmo que fisicamente não possa estar. Sua consciência divide atenção a vários tipos de conversas e pessoas; contudo, dissociada do contato, essas relações se fragilizam, pois os interesses que movem estes contatos são tão frágeis e dinâmicos quanto à facilidade de estabelecer conexão. Em resumo, o jeito moderno de produzir e consumir informações (seja em que área for) fez/faz com que a experiência se reduza ao mínimo de sentido (Cf. SILVA, 2012, p. 47).

As redes sociais revelam uma pobreza desses contatos mais profundos, já que sua lógica é a aproximação pela distância. Tão logo o distante se torne próximo e possa causar problemas, passa a ser incômodo; afinal, o que encanta a muitos nas

relações virtuais é a facilidade de transitar por entre diversos cenários de comunicação sem se comprometer com nenhum deles. O problema, no entanto, não está na tecnologia que possibilita essas relações, mas no modo como ela é usada.

As redes sociais são moldadas para atender demandas impossíveis a um indivíduo no mundo real. Por exemplo: ter centenas de amigos. Mas como é possível manter tantas relações num padrão simultâneo de amizade? São realmente amigos, ou apenas contatos, já que – na rede – todos podem ser incluídos ou excluídos com apenas um *click*? Outra grande atração fornecida pelas redes sociais parece ser a possibilidade que os indivíduos dispõem de manipularem suas identidades conforme um perfil desejado. É possível fingir com uma facilidade dificilmente viável numa relação “olho no olho”. É difícil julgar o que é do que parece ser: uma verdadeira questão filosófica por trás de um avanço da tecnologia.

Na verdade, a grande maioria desses “amigos” (ou “seguidores”) é apenas uma imagem quantificada de um simulacro: uma multidão de contatos que, na prática, estão sempre *off line*, apesar das constantes conexões e interações. Numa caixa de diálogo (bate-papo) de rede social é possível conversar com quantas pessoas se queira e, obviamente, não estabelecer efetivo diálogo com nenhuma, principalmente se considerarmos o que Benjamin diz ser condição *sine qua non* de verdadeiros diálogos: a experiência do outro. O “gesto de interrupção” para ouvir e sentir o outro – conforme expressão de Jorge Larrosa – falta na maioria das conversas *on line*, pois, apesar da grande versatilidade dos indivíduos contemporâneos de realizarem múltiplas tarefas, eles não podem nutrir em alto nível de atenção e conteúdo vários contatos simultâneos.

Considerações finais

Enquanto indivíduos envolvidos numa verdadeira aldeia global, caracterizada pela ausência de fronteiras e cujos membros estão conectados por diversas formas de redes (reais e virtuais), não podemos prescindir à reflexão das implicações humanas desse importante aspecto tecnológico de nossos dias que é a internet, e mais especificamente, suas redes sociais, que, por sua vez, emergem a cada dia – com força renovada – como mecanismos fundamentais de comunicação diante dos atuais ditames

da sociabilidade.

Um dos grandes desafios para o nosso tempo é dimensionar o uso da internet e das redes sociais como instrumentos eficazes de uma comunicação qualificada, verdadeiramente humana e humanizadora, que abranja níveis micro e macroscópicos, desde o campo da interpessoalidade à esfera das relações entre grupos/tribos/nações, fortalecendo, portanto, o respeito/diplomacia entre pessoas e nações?

O que nos assalta como alerta é o fato de que as redes sociais diminuíram o isolamento social dos indivíduos, mas também o melhoramento da capacidade que eles têm de se relacionar com o diferente. Por isso sempre devemos tecer algumas perguntas vigilantes: com acessos cada vez mais freqüentes às redes sociais, os indivíduos estão qualificando suas estratégias dialógicas, se tornando mais sensíveis aos outros do que nas relações *tetê-à-tête*? Aliás, o problema da insensibilidade nas relações virtuais em rede definitivamente não pode ser legado às tecnologias em si. O problema está no modo como as utilizamos, o que, por si só, já nos desafia a entender as razões distorcidas desse modo de utilização que nos impede de extrair da internet seu potencial de auxílio para a qualificação das relações humanas.

Outro detalhe que não podemos perder de vista (e não menos sintomático) é de que, não só vivemos numa época de multiplicação quantitativa de relacionamentos virtuais (ou seriam *reais*?), mas um *boom* informacional que, ao menos teoricamente, deveria garantir-nos uma melhor potencialização da inteligência. Dizemos “melhor” porque apesar do acesso quase irrestrito que temos ao conhecimento produzido no mundo, não evoluímos na mesma proporção: isso tanto do ponto de vista cognitivo, quanto moral e ético. Vamos a um exemplo cognitivo: os trabalhos desenvolvidos (por estudantes e até mesmo por professores) nas próprias universidades não progrediram na mesma proporção do que poderiam, tendo em vista a gama de informações disponíveis para a fundamentação e o alargamento das pesquisas. Não estamos afirmando que as pesquisas não avançaram. Isso seria um contra-senso cego e burro. Afirmamos que, se compararmos algumas teses produzidas hoje com a de décadas atrás, não se percebem em muitas delas o devido salto qualitativo diretamente proporcional à quantidade de informações disponíveis hoje, em relação àquelas disponíveis no passado, aos

pesquisadores.

Diante do exposto até aqui, podemos assentar nossa convicção de que produzir tecnologia não é condição suficiente para desenvolvermos uma vida verdadeiramente humana, principalmente quando o potencial dessa tecnologia é mal utilizado. Pensar, pois, o uso da informática a partir de um prisma humanístico pode nos oferecer importantes chaves de leitura para evidenciarmos que, na verdade, o problema da fragilidade das relações humanas não está no convite que elas fizeram à tecnologia. A internet é, neste caso, apenas uma espécie de bode expiatório a serviço de um sentido falido de relacionamento humano.

Mesmo com um número cada vez maior de integrantes, as atuais configurações da dinâmica relacional das redes sociais na internet não transparecem um salto qualitativo das pessoas no tocante a estratégias dialógicas no campo da alteridade. Apesar de uma maior proximidade virtual, o que se nota é que, pelo fato mesmo de estarem separadas pela virtualidade de telas, impera uma menor habilidade de relacionamento face a face. O preocupante nisso não é o fato mesmo da existência das tecnologias que possibilitam esse cenário, mas a forma como delas nos utilizamos. Não por acaso, muitos filmes de ficção científica insistem em temáticas que abordam o caos da humanidade a partir de momentos de ápice tecnológico: o motivo não é a tecnologia em si, mas o papel que conferimos às mesmas em nosso espaço de ação, enquanto sujeitos que constroem sentido e história.

Nosso estudo deita, portanto, suas raízes na urgência de reafirmarmos a importância da tecnologia como meio de qualificação da vida humana, e não como fim em si mesmo. O que discutimos neste texto aponta para isso: se bem utilizadas, as tecnologias da informação são excelentes instrumentos para a interação das pessoas. Em outras palavras, a importância da informática transcende sua dimensão estritamente tecnológica, porque pode ser um excelente mecanismo de desenvolvimento da vida humana, principalmente no *locus* da comunicação. Assim sendo, diante de uma área que – principalmente no campo acadêmico – costuma muitas vezes não se aproximar devidamente de discussões éticas, todo o exposto propõe que os estudos em torno dos mecanismos tecnológicos de comunicação (como também de outras áreas tecnológicas) repensem sua finalidade ética e os meios pelos quais afirmam sua importância enquanto

áreas de conhecimento para o verdadeiro desenvolvimento humano.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos, Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Vida líquida**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Pref. de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1).

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. New York: Oxford University Press, 2003.

SILVA, João Gabriel Lima da. **O castelo da experiência**: Walter Benjamin e a literatura medieval. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.